

REVERBERAÇÕES DA MEMÓRIA EM *QUE IMPORTA A FÚRIA DO MAR*, DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO

REVERBERATIONS OF MEMORY IN ANA MARGARIDA DE CARVALHO'S *QUE IMPORTA A FÚRIA DO MAR*

Carolina Piovam¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a questão da memória na obra *Que importa a fúria do mar* (2013), por meio do diálogo entre o velho e o novo marcado pelas personagens centrais do romance, a fim de pensar a respeito da memória individual, coletiva e histórica à luz de Maurice Halbwachs (2006). Por meio das questões acerca das reminiscências do passado retomadas pelo presente, também objetiva-se pensar, conforme as ideias de Isabel Cristina Rodrigues (2014), os traços entre um passado de tradição literária no tempo presente da literatura contemporânea, como também sobre o enfoque na temporalidade trazida por João Barrento (2016), na escrita feminina na obra referida da escritora Ana Margarida de Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Literatura Portuguesa Contemporânea. Ana Margarida de Carvalho.

ABSTRACT

This essay discusses the issue of memory in the book *Que importa a fúria do mar* (2013), through the dialogue between the old and the new marked by the novel's main characters, in order to think about the individual, collective and historical memory in light of Maurice Halbwachs (2006). Through the questions about the reminiscences of the past retaken by the present, the objective is also to think, according to the ideas of Isabel Cristina Rodrigues (2014), the traces between a past of literary tradition in the present time of contemporary literature, as well as the focus on temporality brought by João Barrento (2016), in the feminine writing in the referred work of Ana Margarida de Carvalho.

KEYWORDS: Memory. Contemporary Portuguese Literature. Ana Margarida de Carvalho.

Que importa a fúria do mar (2013), primeiro romance da jornalista Ana Margarida de Carvalho, que ganhou o Grande Prêmio de Romance e Novela da APE (Associação Portuguesa de Escritores), narra a vida e as memórias de duas personagens, uma mulher jornalista e um sobrevivente do campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Segundo a autora Isabel Cristina Rodrigues, o livro em questão é “um dos mais belos e inteligentes romances publicados nos últimos anos em Portugal” (RODRIGUES, 2014, p. 111).

A ligação entre ambas as personagens centrais do romance é um maço de cartas escritas pelo sobrevivente ao Tarrafal para sua amada Luísa. As cartas lançadas do comboio, por Joaquim, portam notável esperança de que alguém as entregue à sua amada, já que ele não pode fazê-lo, porque, assim como vários revoltosos do proletariado vidreiro da Marinha Grande (1934), ele segue viagem rumo à prisão em outro continente.

Eugênia, a jornalista, décadas mais tarde, toma conhecimento das cartas e da história do sobrevivente do Tarrafal e assume a empreitada de fazer a entrevista com ele, de modo a registrar o testemunho da história de Joaquim. No resgate das memórias dele, por meio do poder da reportagem dela, depara-se com dois momentos de sobremaneira importância: um passado e um presente que se contrastam, mas que também poeticamente se inter cruzam.

A memória de Joaquim, marcada por um passado contextualizado pelo momento truculento dos anos do Estado Novo Salazarista (1933-1974), em contraste com a memória de Eugênia, de um período democrático que retoma o tempo de mazelas, arquiteta a exposição não somente de memórias individuais e coletivas das personagens, mas, sobretudo, de uma memória histórica.

Por isso, este estudo analisa as imbricações entre as memórias individual, coletiva e histórica das personagens centrais com base nos estudos de Maurice Halbwachs (2006), em seu livro intitulado *A memória coletiva*. Outros estudos que também respaldam o refinamento das questões da memória são os artigos de Cândido Oliveira Martins (2015), cujo nome é “A palavra literária como discurso comprometido” e de Manuel Frias Martins (2017), o qual se chama “Que importa a fúria do mar, de Ana Margarida de Carvalho, e o pacto da doxa”. Em seguida, para tratar sobre o entrecruzamento do passado com o presente, bem como do cânone e a inovação com o enfoque na memória das personagens, conferem-se as ideias de Isabel Cristina Rodrigues (2014), através do texto “Entre-dois: tradição e inovação na narrativa portuguesa contemporânea”, e de João Barrento (2016), por meio da temporalidade e da memória, as quais estão presentes em *A chama e as cinzas: um quarto de século de literatura portuguesa (1974-2000)*, além de outros pontos que dão suporte às notáveis questões propostas para a análise da narrativa, de seu tempo e de sua memória através dos artigos supracitados.

JOAQUIM E EUGÊNIA: A MEMÓRIA DO PASSADO REPORTADA NO PRESENTE

Na obra de Ana Margarida de Carvalho (2013) há duas personagens polares, uma que representa o passado de escrita de cartas de amor e a outra, o presente contemporâneo digital de escrita por e-mail. A primeira é um sobrevivente do campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde; a segunda, uma jornalista que faz um documentário acerca da história deste sobrevivente, a história de amor dele através das cartas para sua amada, as quais nunca foram respondidas e, de modo mais abrangente, de suas memórias pessoais firmadas com fatos históricos de um Portugal salazarista. Segundo o estudo que fala acerca da literatura sendo um discurso comprometido, o romance

Que Importa a Fúria do Mar entrelaça duas épocas, passado e presente – de forma cativante, densamente intertextual e dotada de uma expressividade plástica e poética –, através de dois olhares intercruzados: de um octogenário e de uma jornalista bem mais jovem, juntos pelas inesperadas circunstâncias da preparação de um documentário, cerca de 75 anos depois dos factos lembrados. O livro singulariza-se de diversos modos, com realce para essa capacidade de, através de várias perspectivas, evocar uma histórica insurreição contra o regime da ainda jovem ditadura de Salazar, com a inauguração do campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. (MARTINS, 2015, p. 22).

Diante do exposto, nota-se que o encontro entre as duas distintas épocas descortina as memórias individuais, coletivas e históricas de ambas as personagens, de forma não ordenada, mas característica das reminiscências do passado. É válido dizer que o intercruzamento entre o velho e o novo vai reverberar mais adiante acerca do tradicional e do inovador na literatura contemporânea. Mas aqui, este texto se debruça nas memórias individual e coletiva de Joaquim, o sobrevivente, sendo reportadas pela jornalista, que amiúde também tem focalizadas suas memórias na narração.

E a cada memória retomada confere-se que, de acordo com Maurice Halbwachs (2006, p. 91), “[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada.” Assim, para recobrar o que está distante, parte-se de uma cedência do presente, a fim de voltar ao que fora e com quem fora, de modo que, para voltar ao passado do indivíduo, volta-se emaranhado com a lembrança não isolada, mas solidária, dele como os outros.

O empréstimo do presente para a retomada do passado dá-se através das cartas que, invariavelmente, “servirão de elo de ligação global da narrativa, em particular em suas incidências afetivas.” (MARTINS, 2017). As cartas ligam Joaquim ao passado e a Luísa, bem como conectam Joaquim ao presente com a jornalista que, por sua vez, também tem suas memórias descortinadas.

A memória motiva o entrecruzamento entre as incidências afetivas das personagens por meio da conversação, do contar e rememorar as coisas, de modo que faz com que Eugênia conheça intimamente um passado concomitantemente particular, mas também coletivo e histórico.

E isso se dá a princípio por meio da vontade de lutar contra o esquecimento, acrescido da confiança de relatar a memória individual que, à luz de Maurice Halbwachs (2006, p. 72), “[...] não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Assim sendo, a memória individual existe a partir de uma memória coletiva e ela está geralmente relacionada a algo que ocorreu em um tempo e em um espaço que possuem valores determinados pela cultura e pela sociedade, isto é, por uma memória histórica.

A memória de Joaquim, ao evocar o contexto historicamente trágico, mostra a necessidade de se ter em mente uma memória viva, já que

[...] a vida de Joaquim foi um romance onde as personagens haviam desertado das páginas. Primeiro o irmão, depois o cão, o pai que se calhar ainda corria, só travado pela bebida e pela esmola, a mãe, que não conseguia olhar o filho sobrado, largou- em casa da avó desalmada e dizem que foi parir em Lisboa. A casa, a hora, o noqueiral, o boi velho e trôpego, tomou-os outra vez o patrão e arrendou-os a outra família, outros meninos, outros cães, outras tragédias que a vida, de uma forma ou de outra, sempre encontra uma maneira de nos introduzir. Depois foi-se Francisco. Só me resta tu, Luísa. (CARVALHO, 2013, p. 217-218).

As conjuradas memórias individuais voltam-se à memória coletiva, Joaquim rememora sua vida não de forma insociável, mas retomando pessoas e lugares, um coletivo que lhe é essencial. No entanto, dentre todas as lembranças, a memória que salva sua vida é a de Luísa. A memória e a reconstrução dela estão amiúde voltadas à amada.

E Eugênia, por sua vez, encarrega-se de acolher essas memórias na “[...] casa do velho [que] ficou para ali arrumada num arquivo meio nebuloso do lóbulo frontal, que é onde o cérebro guarda as memórias recentes. O velho e a história de amor. E as cartas.” (CARVALHO, 2013, p. 36). Entre as histórias das cartas, da prisão no Tarrafal e Luísa, Eugênia também rememora muitos fatos de sua própria vida.

Se de um lado Joaquim retoma afetuosamente a imagem de Luísa para superar as mazelas vividas, Eugênia evoca a mãe com certo sentimento de culpa de ter sido ela a mazela na vida da genitora. Com isso, há a consciente afirmativa de que:

Sim, o mar de Eugênia era muito mais o da tempestade do que o da bonança. [...] O ar da maresia não revigora nada. Isso foi uma patralha que me impingiste, mãe, para te aliviar o peso na consciência de me abandonares ali, naquele sitio a colher

ventos e tempestades. Apanha conchinhas, dizias-me. Não precisas de te sentir mal, eu percebo que não seja fácil um curso nocturno, trabalhar de dia e ainda ter tempo de conviver com pessoas da tua idade e arranjar namorados, com uma miúda mal-humorada a empatar-te os passos... Eras tão nova, mãe. E eu agarrada as teus sonhos, aos teus cabelos, aos teus sapatos, ao teu presente, ao teu futuro – e pior – ao teu passado, que tu querias esquecer. Mas lá estava eu a fazer-te lembrar que tinha mesmo acontecido. (CARVALHO, 2013, p. 126-127).

Esta, dentre tantas retomadas à memória da mãe, surge involuntariamente em forma de diálogo por meio de digressões da personagem a fim de mostrar que mesmo tendo uma relação difícil com a figura materna, porque, conforme Eugênia, “este desafecto, mãe, aprendi-o contigo.” (CARVALHO, 2013, p. 135), a jornalista, retomando a imagem da mãe, como também por diversas vezes a da casa onde vivia com os tios, recobra, por meio da memória coletiva, a sua própria memória individual.

Diante disso, é possível notar que, no romance, o entrecruzamento das memórias é sobremaneira corpulento. No entanto, a história enunciada e que toma corpo textual é a de Joaquim, isto pelas mãos de Eugênia. Há então uma estreita união de voz, emitida por ele, mas que não passaria a existir se não fosse pela escrita, por meio do punho dela, pois a memória de Joaquim mostra uma fragmentação dos fatos.

Pelo fato de as lembranças serem de tempos violentos, marcados pela exploração, conseqüentemente desenvolve-se certo trauma e por isso a presença de uma testemunha, Eugênia, é crucial para juntar os fragmentos e ordená-los. Assim, o testemunho da memória individual dele se faz necessário para motivar a construção, ou mesmo reconstrução, da memória coletiva e, conseqüentemente, da histórica.

Logo, é notável que a ajuda do outro, do interlocutor, possui grande relevância na complexa ação de auxiliar o indivíduo na produção da narração. Narração esta que muitas vezes é marcada por uma falta de linearidade, de descontinuidade entre causa e efeito, produto da memória marcada pelas crueldades sofridas. É possível ver isso nos primeiros diálogos entre as personagens, sobretudo nos instigados por Eugênia:

Ó senhor Joaquim, faça lá um esforço, sofreu muito no Terrafal? Lembra-se, foi há muito tempo...

Pausa. Pausa longuíssima, outra vez. Sinais de impaciência na equipa.

Estou feita com isto.

E, de súbito, Joaquim,

É impossível não esquecer

Isto vai, isto vai...

pensa, também de súbito, a jornalista.

Era um escaldão tal que a gente até pulava. Não há nada que faça esquecer o toque do vidro incandescente na pele.

Não, isto não me está acontecer, garantiram-me que o senhor

estava lúcido e agora põe-se a falar de escaldões...

O realizador manda parar de filmar.

La pelas quatro, cinco da manhã, os miúdos começavam a tombar, vencidos pelo cansaço. Nada os conseguia acordar. Nem os bofetões, nem os baldes de água fria. Os escaldões com o vidro incandescente eram infalíveis. A gente dava cada salto...

Eu sabia,

lamenta-se a jornalista. (CARVALHO, 2013, p. 30).

Eugênia pergunta do Tarrafal e Joaquim conta sobre as explorações sofridas no trabalho, provocadas pelas fábricas de vidro na Marinha Grande. Com isso, percebe-se que as memórias dele causam, a princípio, um desconforto na jornalista, mas que depois de se aproximarem e estreitarem os laços de confiança e amizade, os espaços aparentemente ocultados tomam forma com a escrita de Eugênia, que registra as memórias da história caótica, das cartas e de Luísa.

Em seguida aos relatos do percurso e dos dias desde a Marinha Grande até o Tarrafal, há também o do comboio onde

[...] viajam os presos da Marinha Grande entre o Porto e Lisboa, de onde embarcariam para o Tarrafal. O senhor Joaquim desfez o sorriso, Eugênia viu-lhes as memórias remotas a acudirem-lhe ao espírito através dos olhos claros, antes reduzidos a dois pequenos pontos de apatia e que agora se esgarçavam naquele verde impossível, mais hipnotizantes do que nunca. [...]. Mas Eugênia embarcara no comboio, deixava a sombra por identificar cada vez mais lá pra trás, naquela taberna que se tornou plataforma de embarque, e se já não sabia se era real ou se outra aparição vinda do passado, convocada pela narrativa de Joaquim. (CARVALHO, 2013, p. 69).

A partir deste entrosamento é possível dizer que Joaquim representa, ao mesmo tempo, uma memória individual, coletiva e histórica. Nas suas memórias pessoais, lembra-se do grupo de presos, porém de uma forma reeditada por meio de um pacto feito por Eugênia para adentrar o comboio através da narrativa de Joaquim.

A jornalista, quando de fato toma conhecimento, se depara com “[...] um caso humano com interesse histórico.” (CARVALHO, 2013, p. 108). Consequentemente, ela tem literalmente em mãos uma memória histórica a qual nada mais é que a “[...] compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens”. (HALBWACHS, 2006, p. 100).

Diante disso, *Que importa a fúria do mar* trata da memória de uma forma peculiar, mesclando épocas e memórias

Com a história de amor impossível entre um homem (Joaquim) e sua amada ausente, através da “história das cartas de amor” sem resposta, rememoradas para sobreviver à indescritível violência do exílio forçado, entre muitas outras longínquas, mas penosas “memórias remotas”. Ao mesmo

tempo, para desnovelar essa grávida e magoada memória, sobressai a prolongada e errática “conversação” entre o sofrido sobrevivente do Tarrafal e a jornalista gradualmente cativada pela humanidade e ternura desse homem idoso. Ambos os filões narrativos surgem-nos irmanados pela relevância da memória – como forma de ser lembrado e de contrariar a morte –, quer a memória do facto político que constitui lição de empenhamento cívico para o presente; quer a memória afectiva de um amor frustrado, que mais realça a evocação da revolta política e a “memorável luta” dos operários que não podem ser esquecidos. (MARTINS, 2015, p. 23).

Logo, se observa que a memória individual de Joaquim dialoga com seus vários coletivos, quais sejam Luísa e seu amor e as cartas não correspondidas, o dos revoltosos do proletariado vidreiro, do comboio rumo ao campo de concentração, dentre outros que marcam concomitantemente uma memória histórica.

Pode-se dizer, então, que Joaquim é, em última instância, a personificação da voz da memória histórica, a qual só é possível ser registrada de forma reinterpretada pela jornalista que compactua com as memórias dele e as recolhe por meio de sua perspectiva jornalística, fazendo assim com que as memórias e a história sejam conhecidas pela sua perspectiva.

A RELAÇÃO ENTRE AS REMINISCÊNCIAS DO PASSADO DA TRADIÇÃO COM O PRESENTE DA INOVAÇÃO POR MEIO DAS PERSONAGENS JOAQUIM E EUGÊNIA

De acordo com Isabel Cristina Rodrigues, “*Que Importa a Fúria do Mar* é a prova em forma de romance de que é possível escrever sob a égide da tradição, de que é possível fazê-lo em movimento denegativo da tradição [...]” (2014, p. 111). Dentre tantas características orquestradas no romance, para além dos inúmeros traços formais presentes nele, como a composição *in média res*, por exemplo, está o enfoque na memória, a qual é reverberada por meio das personagens centrais: Joaquim e Eugênia.

Joaquim é a personagem que, através de seu testemunho cunhado nas reminiscências do passado, dialoga com a História, sobretudo com a truculência do Estado Novo Salazarista (1933-1974). Ao ser um dos proletários vidreiros revoltosos em Marinha Grande, em 1934, pagou sua reivindicação, assim como outros revoltosos, com a “[...] a honra de inaugurar a colônia penal de Tarrafal.” (CARVALHO, 2013, p. 123).

Detido pelos policiais, enviado para o Tarrafal, em Cabo Verde, e mesmo de dentro do comboio, Joaquim consegue lançar o maço de cartas que escrevera para Luísa, sua amada. Tais missivas, embora nunca lidas no romance, fazem o cruzamento temporal das histórias do passado do sobrevivente do Tarrafal com a história do presente por meio da jornalista Eugênia, que

Já bem dentro do período democrático, [...] propõe-se escrever sobre a revolta operária na Marinha Grande ocorrida em 18 de janeiro de 1934. Dessa entrevista emerge a estória que estrutura o romance na sua tripla condição de encenação dos afetos humanos, de registro da memória histórica e de julgamento da ação política. (MARTINS, 2017, p. 114).

A jovem jornalista fica encarregada de fazer uma reportagem com o sobrevivente do Tarrafal, o senhor octogenário, o qual tem parte de sua vida tecida por violentas linhas de história portuguesa dos anos 30. No decorrer do testemunho cedido à Eugênia, há uma abertura da história acerca dos afetos e, pode-se dizer também, da narrativa acerca dos desafetos humanos. Tudo isso se confere por meio do contato entre quem testemunha e quem reporta as memórias testemunhadas, por meio dessa relação nota-se no produto final uma ação política na narrativa, de modo mais amplo, no romance.

Dessa forma, as reminiscências passadas de Joaquim e anotadas por Eugênia, apesar de descortinarem fatos sobremaneira importantes de um Portugal marcado pela política de Salazar, como a já mencionada revolta da Marinha Grande, seguidamente da revolta dos marinheiros de 1936, não faz deste um romance histórico. Todavia, é possível dizer que ele se caracteriza mais a um romance de memória que, pela narração, reverbera a história por meio da memória do passado no presente da nova sociedade.

Há memórias individuais e coletivas de Joaquim, como também de Eugênia, não de forma linear, mas percebe-se que estão presentes na narrativa. Em determinados momentos depara-se com certo hibridismo entre o que relatam as personagens, isso faz com que, conseqüentemente, ocorra uma repercussão da memória histórica, como foi possível ver na relação entre Joaquim e Eugênia.

Desse modo, pode-se dizer que o romance de

Ana Margarida de Carvalho ocupa-se da desocultação, em clave exclusivamente ficcional e por intermédio da jornalista Eugênia, do impossível amor entre Luísa Fradinho e Joaquim da Cruz, um dos prisioneiros do futuro campo ultramarino de tortura e que, com a vivida tinta do próprio sangue, escreve da prisão as cartas que, mais tarde, a caminho do embarque para Cabo Verde e através da janela do comboio, haverá de lançar na incerta direção da amada. Eugênia busca a história por detrás de Joaquim, uma espécie de personagem neorrealista pós-moderna, sobrevivente do campo do Tarrafal; Joaquim busca apenas, na fixidez obsidiante da memória, a quotidiana recusa do esquecimento e ambos acabam por projetar-se e aos seus fantasmas na imagem inacessível do outro [...]. (RODRIGUES, 2014, p. 112).

Este romance coloca dois polos opostos e passíveis de diálogo. Por meio das instâncias narrativas das personagens, temos de um lado a representatividade de um passado, de uma tradição; por outro, de uma inovação. Eles entrelaçam tanto um elo disjuntivo, separados pelo tempo linear, como

também de intersecção pela resignificação desta distância temporal. Assim, é possível perceber que não há somente a tradição, como também não há unicamente inovação, uma se inscreve, a seu modo, na outra.

É o que ocorre com Joaquim e Eugênia, eles projetam-se em uma imagem inacessível um do outro enquanto condição discrepante do tempo. Porém, eles fundem-se de forma reinventada na memória documentada, testemunhada, escrita, registrada forma mais íntima. Prova disso está no trabalho de Eugênia, que “na reportagem teve o cuidado de suprimir qualquer referência íntima [...]. Isso era território sagrado, que só aos dois estava autorizada a passagem.” (CARVALHO, 2013, p. 228).

O entrecruzamento entre a figura do passado das cartas e o presente da era digital entra nas ideias contemporâneas, conforme João Barrento (2016) chamou de “nova desordem narrativa”. O romance feminino, como *Que importa a fúria do mar*, porta os quatro pontos estratégicos da nova narrativa portuguesa, quais sejam a *polifonia narrativa*, as *formas da temporalidade no romance*, a *textualização* e a *contaminação*, todas presentes na obra em estudo.

Todavia, enfocam-se neste artigo as *formas da temporalidade no romance*, “[...] nomeadamente a superação da temporalidade linear, a importância da recordação ou de formas da memória colectiva opostas à História, “a força mágica da manipulação temporal” [...]” (BARRENTO, 2016, p. 66).

A narrativa das memórias e de sua diversidade é feita através das memórias individuais e coletivas das personagens, sobressaltando a memória de Joaquim que, reinterpretada ou mesmo reescrita por Eugênia, mostra a preservação de uma memória histórica neste romance de forma inovada. Do mesmo modo que mostra, através da categoria narrativa da personagem, por meio das personagens centrais: Joaquim e Eugênia, dois polos opostos que se tocam, contam e também fazem história, a qual marca de forma notável a literatura portuguesa contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da memória no romance *Que importa a fúria do mar*, de Ana Margarida de Carvalho, é de extrema importância, pois as reminiscências do passado nessa narrativa se dão por meio da presença de duas personagens centrais.

A primeira é um velho sobrevivente da revolta do proletário vidreiro de Marinha Grande, em quase meados da década de trinta, em meio a um Portugal salazarista, opressor, o qual lhe aplicou duras penas, interrompeu a paz e o amor da vida da personagem que vai para o campo de concentração em Tarrafal, em Cabo Verde.

A outra, uma jovem jornalista, contemporânea, que também vive os dissabores de sua vida, mas encontra-se com o velho e fica encarregada de reportar acerca da sobrevivência dele. Ambas as vidas se inter cruzam em uma diferença temporal notável e na união entre o contar e o escrever

as memórias, para além de individuais e coletivas, as históricas, reportadas e reinterpretadas pela perspectiva da jornalista.

Além disso, o entrecruzamento dos tempos pelas personagens centrais também contribui para refletir a respeito da tradição e da inovação na literatura contemporânea. A questão do tempo passado com o tempo presente, embora portando uma temporalidade sobremaneira diferente, no romance é passível de intersecção e ressignificação.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Margarida. *Que importa a fúria do mar*. Portugal: Teorema, 2013.

BARRENTO, João. *A chama e as cinzas: um quarto de século de literatura portuguesa (1974-2000)*. Lisboa: Bertrand Editora, 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTINS, Candido Oliveira. A palavra literária como discurso comprometido. *Revista Abril da Universidade Católica Portuguesa*. – *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 7, nº 14, 1º sem., abril 2015. Disponível em: <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/130>. Acesso em 30 de maio de 2019.

MARTINS, Manuel Farias. Que importa a fúria do mar, de Ana Margarida de Carvalho e o pacto da doxa. PETROV, Petra. (org.). *O Romance Português Pós-25 de Abril: O Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (2003-2014)*. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Fevereiro de 2017. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27771/1/O%20Romance%20Portugu%C3%AAs%20P%C3%B3s-25%20de%20Abril.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2019.

RODRIGUES, Isabel Cristina. Entre-dois: tradição e inovação na narrativa portuguesa contemporânea. *Revista Guavira Letras da Universidade de Aveiro* – Departamento de Línguas e Culturas/Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Portugal, n. 18, jan.-jul. 2014.

Recebido para avaliação em 27/11/19
Aprovado para publicação em 01/02/20

NOTAS

1 Doutoranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos. Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP. Bacharela e licenciada em Letras, pela UNESP, com habilitação em português, espanhol, inglês e suas respectivas literaturas.